

JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 28 104 1956 AUTOR: Thiago de Mello

TÍTULO: Manuel Bandeira setentão: O Poeta que Driblou a Morte.

ASSUNTO: Ivan entre os profetas de Manuel Bandeira

pág. 33

Manuel Bandeira setentão:

O POETA QUE DRIBLOU A MORTE

REPORTAGEM DE THIAGO DE MELLO FOTOS DE ARMANDO ROZARIO

Nunca se deve desanimar: sempre é possível um milagre. Eis aí a bela lição que nos dá (como se já não bastassem os tantos e tão altos ensinamentos que nos vem dando, com a sua vida e com a sua obra, desde a mocidade) precisamente na manhã — manhã que deu em chuvosa, mas de repente ficou radiosa e azul — do dia 19 dêste abril, quando completou setenta anos de idade, o maior poeta brasileiro vivo — o Poeta Manuel Bandeira.

Rindo aquela sua risada fabulosa (que é uma espécie de pregão de sua poesia), uma das mais bonitas (parece uma cantiga) e mais gratas não somente ao ouvido, sobretudo ao coração, de todas as risadas que existem no país e talvez no mundo — o setentão fala feliz:

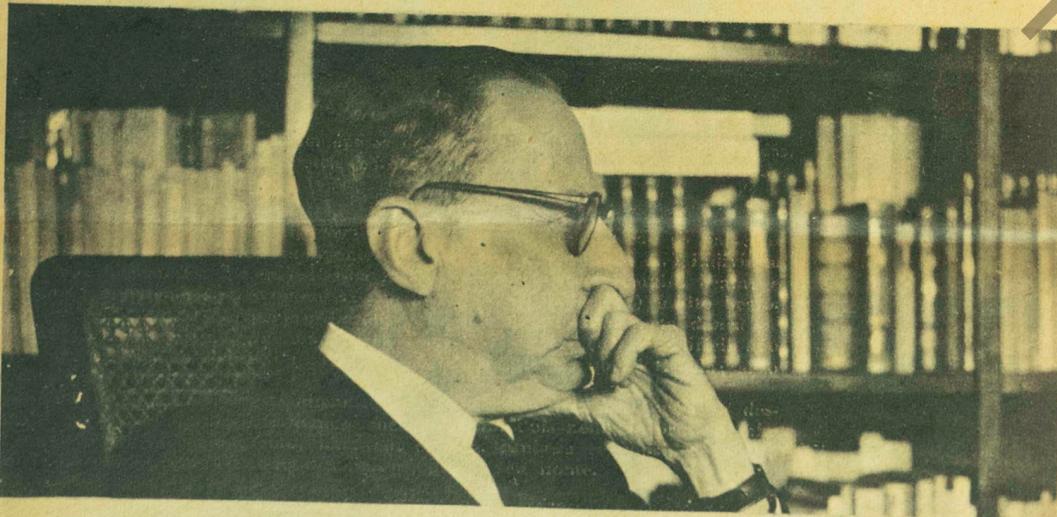
— Foi a grande lição que recolhi da vida: a gente nunca deve desanimar. Quando menos se espera, lá vem um milagre e salva tudo.

— Quer dizer que o poeta acredita mesmo em milagre?

— O milagre é um fato. E o maior de todos os milagres é a própria vida.

E a cantiga do seu riso abre caminho para a exclamação:

— Eu próprio, com os meus setenta anos, não passo de um milagre! Como o leitor já vaiver



NÊLE O TEMPO NÃO DÓI

Em seu apartamento da avenida Beira-Mar, Bandeira vive a sua primeira manhã de setentão. Está de janela: a sua janela (sonhada durante tanto tempo e afinal conquistada, há poucos anos) aberta para a baía de Guanabara, bem fronteira ao aeroporto (onde o poeta, diariamente, aprende lições de partida). A contemplação da paisagem cria um silêncio. Passados alguns instantes, torno o olhar o rosto do aniversariante: e surpreendo o seu olhar atirado longe, lá pelas lonjuras da Serra dos Órgãos, cujo contorno mal se divisa muito além. Nem me dou conta: quando vejo, a pergunta já se fez, sêca, quase contra meu gosto, cortante no silêncio:

— Setenta anos doem?

Mas Manuel Bandeira responde com uma risada pela proa:

— Doem nada! Nem um pouco!

— E como está se sentindo o setentão?

O poeta responde em cima da bucha:

— Confortado. Confortado com os amigos.

Feliz da vida, como um rapaz comemorando os vinte e um, o poeta deixa a janela, atravessa o quarto de dormir (a cama rodeada de estantes, um crucifixo a cabeceira, o retrato da mãe ao lado), e nos leva para a sala. De cadeira de embalo, vem então o milagre.

Manuel (Carneiro de Souza) Bandeira tinha um sonho na vida: era ser arquiteto. Era o seu sonho de rapaz. Mas aos 18 anos o rapaz adoeceu gravemente: e o sonho (até hoje) ficou só no sonho. Bandeira apanhou a tuberculose num tempo em que a cura só se fazia (quando se fazia) com repouso, superalimentação e clima. Sobre tudo clima, atrás do qual o jovem Manuel saiu andando, levado quase sempre pelo pai. Estêve em Minas, em Teresópolis, Petrópolis, sertão do Ceará. Acabou indo para a Suíça.

NO SEU APARTAMENTO de sala e quarto, na Avenida Beira-Mar, o septuagenário vive sua vida limpa de homem e de poeta — um exemplo para os mais moços.

28 de Abril de 1956

28 de Abril de 1956

JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 28 104 1956 AUTOR: Thiago de Mello

TÍTULO: Manuel Bandeira setentão: O Poeta que Driblou a Morte.

ASSUNTO: Luan entre os profexidos de Manuel Bandeira

pág. 33

"Valeu a pena viver setenta anos porque consegui ficar em paz com o meu destino"

— Mas a Suíça foi em 1913, — esclarece o autor de "A Cinza das Horas". Antes disso, em 1907, estava eu em Campanha, cidadezinha mineira, quando apareceu a tuberculina. Um amigo de meu pai, Alberto Carneiro de Mendonça, instou com ele para que me levasse ao dr. Almeida Magalhães, para ser examinado. Quem sabe talvez eu me curasse. O dr. Almeida Magalhães era o grande especialista da época. Era quem indicava a aplicação da tuberculina feita aliás pelo dr. Parreiras Horta. Pois fui a ele. Depois de muito exame, o dr. Almeida Magalhães disse a meu pai que infelizmente não adiantava aplicar a tuberculina em mim, porquanto já estava eu em estado de caquexia. Enfim, um caso perdido. E não aplicou a tuberculina. E no entanto eu não morri.

Manuel Bandeira interrompe a lembrança para uma risada:

— Eu não morri. Quem morreu foi o dr. Almeida Magalhães, que também era tísico e um dia foi ver um doente debaixo de muita chuva, caiu de cama, não se levantou mais.

Foi João Luso que, num encontro em casa de Felinto de Almeida, falou a Bandeira no clima de Clavadel, na Suíça, onde ele já estivera. Manuel seguiu o palpite e lá se foi (já melhor) para a Europa.

— Passei um ano e dois meses em Clavadel. Sózinho. Pois bem, lá eu ia ser operado (pelo próprio inventor da toracoplastia, o dr. Saurbruch). Nas vésperas da intervenção, porém, rebentou a guerra: tive de voltar a toque de caixa para o Brasil, não fui operado. Com isso certamente mais uma vez me salvei. Se operado, talvez não resistisse.

Mas à despedida, quis o poeta (que belos versos ali em Clavadel escrevera) trazer a opinião do dr. Bodmer, o médico-chefe do sanatório:

— Quantos anos ainda tenho de vida, doutor?

Bandeira recorda inteira a resposta do médico:

— O senhor tem lesões teóricamente incompatíveis com a vida. No entanto seu estado geral é bom. Pode viver uns cinco anos... Talvez uns dez... Quem sabe até quinze...

Valeu a opinião do milagre.

— Pois já lá se vão quarenta e dois anos que deixei Clavadel... Tudo isso não é um milagre?

De volta ao Brasil, muitos anos ainda se passaram até que Bandeira ficasse curado. Quando já passada era a mocidade. Mas como o poeta já aprendera a esse tempo a lição de nunca desanimar, saiu em frente.

— Só depois dos cinquenta anos — conta o poeta — é que comecei a poder exercer alguma atividade. Quando os amigos de minha idade começavam a aposentar-se, aí é que eu estava principiando. A verdade é que dos 18 aos 30 anos eu fui um velho — e de uma velhice pior do que a verdadeira.

O aniversariante setentão faz um silêncio, e desabafa:

— Essa, aliás, é a grande frustração da minha vida: a de não ter vivido a minha mocidade.

Outro silêncio, mas agora logo cheio pelo riso largo:

— Mas talvez essa frustração seja o segredo da minha longevidade. Não me gastei na idade em que todos se gastam, como cantou Raymundo Correia no seu célebre poema.

As grandes lembranças de sua vida, a começar pelas da infância, sempre recordadas com doçura:

— As manhãs de Natal, todas elas. Lembro-me, especialmente, de um amanhecer de Natal, numa casa da rua 15 de Novembro, em Petrópolis. Naquele tempo não havia ainda Papai Noel. Quem trazia os brinquedos era a Fada, e os sapatos eram colocados atrás da porta. Naquele Natal, acordei cedinho e encontrei um mundo de brinquedos. Lembro-me em correria casa a dentro, para mostrar os presentes a meus pais.

À guisa de curiosidade, registramos aqui a recordação mais antiga de nosso poeta, que deixou o Recife aos dois anos (e desse tempo nada encontra na memória) e veio para Petrópolis. E' dessa cidade a sua primeira lembrança: um bambual. Talvez o do Palácio de Cristal.

A noite mais bonita de sua vida sucedeu na sua adolescência, tempo do qual o poeta confessa não guardar grandes coisas. Mas é dos seus 14 anos essa recordação inesquecível.

— Lembro-me de que eu chegara, a uma janela, em companhia de uma moça, por sinal dois anos mais velha do que eu, pela qual eu estava caidinho. Da janela, olhei o céu. A noite não era de lua, lembro-me bem. Mas o céu estava todo estrelado. Foi o céu mais bonito que já vi na minha vida. Isso se passou aqui no Rio, nas Águas Férreas.

Para não cometer injustiça, o poeta faz questão de esclarecer:

— Céu assim tão bonito só vi depois no sertão do Ceará, em 1908, onde aliás quase morri.

Já que o poeta está com a memória na massa, vai relembando episódios e figuras dos idos tempos. De repente fala nos cachorros:

— Conservo muito viva a lembrança de todos os cachorros que tive. Em nossa casa sempre teve cachorro. O principal deles foi o **Boy**, lá da casa de Petrópolis. Tanto que após a morte dele, meu pai passou a dar

a todos os que vieram depois, o nome de **Boy**. Até as cadelas se chamavam **Boy**. Mas também houve a cachorra Violinha, lá de Campanha. Grande companheira que ela foi. Como bom companheiro dos meus sete anos lá no Recife, foi o Duque, que morreu debaixo do trem.

Chega de relembrar. Vamos ao agora. Por exemplo, ao Brasil.

— Nem gosto de pensar nisso. Acho sinistra a situação do Brasil. Meditando um dia dêses sobre uma frase tão repetida: — "O Brasil está à beira de abismo" —, me perguntei por que ele ainda não caiu no abismo. Cheguei então à conclusão de que ele não cai simplesmente porque já está, já caiu no abismo, há muito tempo.

Mas — sempre a lição! — nunca se deve desanimar:

— O jeito agora é tirar partido do abismo. E' fazer como eu fiz. Com relação à frase, (também, a cada instante citada) "Brasil, país de futuro", o poeta não vacila:

— Só se fôr daqui a alguns milênios.

no. Ele responde:

O repórter quer saber as esperanças de Bandeira no novo governo.

— Não tenho fé em nenhum dos políticos do momento atual do Brasil. A culpa não será talvez deles, mas do próprio ambiente brasileiro, ainda tão inorganizável como nos tempos da Regência. Mas não gosto de dar opinião nesses assuntos, em que me sinto bastante leigo. Repito o que tenho dito — o famoso verso de Banville: "Je suis un poète lyrique". Nada mais.

Mas ainda concede duas informações: votou em Juarez e Milton Campos, (mas gostaria que a chapa tivesse sido invertida) e continua acreditando — cem por cento — no Brigadeiro.

Pergunto se está preparado para enfrentar a eternidade.

— Não acredito no Juízo Final, responde. — Como não estou muito certo da imortalidade da alma.

— Mas acredita em Deus?

— O meu Deus é como o de Einstein: um Deus matemático, que não está muito interessado nesta nossa sorte da humanidade, capaz de todos os progressos materiais e tão pouco capaz do progresso moral. Não creio que esse Deus esteja preocupado com a salvação do homem, embora creia que o homem seja criação sua. Dessa criação, aliás, talvez ande ele meio arrependido. Ando até desconfiado de que ele tenha dado o livre arbítrio ao homem para que, no caso de fracasso, o próprio gênero humano possa se destruir, aplicando à guerra a energia atômica.

— E quanto a Cristo? Acredita que é filho de Deus?

— Não sei responder a isso senão com as palavras de Renan, que não lembro textualmente de memória, mas cujo sentido é este: Cristo foi o homem que conteve em si a maior parcela de divino.

E depois de um instante de reflexão:

— Não conheço nada, mas absolutamente nada, espiritualmente mais alto e mais puro do que a palavra do Cristo.

O autor de "Estrêla da Manhã" é chamado de instante a instante ao telefone. São os amigos amanhecendo com o abraço. Assim vale a pena envelhecer. E valeram a pena, de fato, êses setenta anos?

— Valeram, responde firme o poeta. Valeram porque consegui ficar em paz com o meu destino. Não vivi uma vida perdida. Aliás, só quando percebi que minha poesia levava conforto aos outros foi que vi que minha vida tinha sentido. Isso criou uma espécie de responsabilidade muito grande para mim, da qual não era lícito esquivar-me.

Continua o poeta:

— Dêsse efeito de minha poesia sobre os outros, só me dei conta, a sério, no dia em que Rachel de Queiroz me disse a seguinte coisa: "Você não sabe o que a sua poesia representa para nós!"

Outra apreciação que Bandeira considera de grande importância para a sua obra: a de João Ribeiro, sobre "A Cinza das Horas".

— Foram as palavras dele, confessa, que me deram a consciência de que sou um poeta.

Fim de conversa, pergunto a Bandeira pelo poema dos setenta anos.

— Continua sendo o "Consoada". Como também continua a mesma a minha posição diante da morte, cuja idéia me acompanha desde os 18 anos. Sempre procurei me habituar a ela.

— E já se habituou?

O poeta larga a risada e é de uma franqueza de menino:

— Mais ou menos. Não quero é viver inutilizado, é ficar em cima de uma cama. Quero viver enquanto puder viver lucidamente, sem ser pesado a ninguém. No mais, é como está dito lá no "Consoada".

Recito os versos que me vêm à memória:

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

A noite com os seus sortilégios.

E o poeta dá a palavra final:

— "A noite pode continuar descendo".

JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 28 10 1956 AUTOR: Thiago de Mello

TÍTULO: Manuel Bandeira retém: O Poeta que driblou a morte.

ASSUNTO: Scan entre os prefeitos de Manuel Bandeira

pág 33



JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 28/04/1956 AUTOR: Thiago de Mello

TÍTULO: Manuel Bandeira setenta: O Poeta que Driblou a Morte.

ASSUNTO: Ivan entre os profetas de Manuel Bandeira

pág. 33



PROFESSOR APOSENTADO PELA COMPULSORIA, BANDEIRA VIVE INTEIRAMENTE DEDICADO AS LETRAS.

Contemporâneos de sua predileção

MUSICA :

Compositores: Villa-Lobos, Mignone, Camargo Guarnieri, Gnattali. (A ordem não significa hierarquia). Gosto da música popular. Entre os compositores do gênero: Noel Rosa, Pixinguinha, Ary Barroso, Heitor dos Prazeres. Conheço pouco os mais novos. Gosto muito também dos martelos, dos côcos do Norte, dos cateretês de São Paulo. São a nossa verdadeira música popular.

ARTES PLASTICAS :

Pintores : Portinari, Guignard, Pancetti, Cícero Dias e Di Cavalcanti. Dos abstracionistas, Ivan Serpa.
Escultor: Celso Antônio.

LITERATURA :

Romancistas : Zé Lins, Graciliano, Rachel de Queiroz, Cornélio Pena, Cyro dos Anjos.

Contistas: Marques Rebelo (e também como romancista), Ribeiro Couto, Otto Lara Resende, Carlos Castello Branco, Guimarães Rosa.

Teatrologos : Nelson Rodrigues me parece o mais importante.

Poetas : Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, Augusto Meyer, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt (a citação não é homenagem ao eiquentão atacado), Murilo Mendes, Mário Quintana, Dante Milano, Henriqueta Lisboa, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Onestaldo de Penafort. Da geração dos que andam pelos trinta: João Cabral de Mello Neto, Lêdo Ivo, Thiago de Mello, Ferreira Gullar, Geir Campos, Mauro Mota, Paulo Mendes Campos, Lucy Teixeira, Zila Mamede e a recentíssima Ruth Maria Chaves. São muitos para falar deles como prediletos. E fora desses nomes há muitos outros cujo valor reconheço. Tenho, porém, com eles menos afinidade do que com os citados. Em todo o caso, o grande predileto é Carlos Drummond de Andrade.

Gostaria de ver na Academia :

Os dois Gilbertos, o Freyre e o Amado. Afonso Arinos de Melo Franco, Augusto Meyer, Carlos Drummond, Rodrigo M. F. de Andrade (mesmo só com "Velórios"), além de uns vinte mais.

Pessoas (já mortas) que mais gostou de ter conhecido:

— Mário de Andrade, Honório Bicalho, Machado de Assis, Abel Ferreira de Matos, Rodolfo Vacani, Roquette Pinto e a preta Irene, que aliás, nem sei se ainda vive.

— *mas esses dois creio que não suscitam melindres nos demais.*

4. O que é que se exige de um amigo perfeito ?

— *Franqueza, discrição, compreensão.*

5. Um poeta deve restringir sua atividade à poesia, ou deve impor-se também outras tarefas intelectuais ?

— *Deve impor-se outras tarefas, inclusive manuais. Eu, por exemplo, gosto de arrumar o meu apartamento. Varrer, limpar, encerrar...*

6. O que é que falta à vida literária brasileira ?

— *Falta ambiente.*

7. Tem melhorado ou piorado o meio bra-

sileiro, no que diz respeito à literatura ?

— *Tem melhorado muito. E continua melhorando. Basta dizer que só encontrei editor para os meus livros depois dos cinquenta anos. Ao passo que hoje poeta de vinte e cinco anos tem direitos autorais pagos. Por outro lado, os jornais e revistas já pagam direitos da publicação de poemas.*

8. Convém que um poeta faça sucesso ?

— *Depende da natureza do poeta. Há uns que necessitam de estímulo. Outros a quem o estímulo estraga.*

9. Qual a sua atitude diante do êxito de sua obra e da glória do seu nome ?

— *Estupefação. Pura e simples.*

10. Ainda é procedente a hostilidade à Academia ?

— *Não. A entrada para lá de tantos escritores acadêmicos, como José Lins do Rêgo; a premiação de poetas como Lêdo Ivo, João Cabral, Domingos Carvalho da Silva e de prosadores como Paulo Dantas, mostram que a atitude da Academia em relação ao moderno não é mais a de 22.*

11. A Academia é uma ameaça para o poeta ?

— *Não. Nunca me senti constrangido dentro da Academia.*

12. Um poeta pode realizar-se, inteiramente, na província, ou existe o chamado estímulo da metrópole — e o poeta precisa desse estímulo ?

— *Pode realizar-se na província. Exemplo: Alphonsus de Guimaraens, que só mesmo na reclusão da província poderia realizar a sua obra. Também depende da natureza do poeta.*

13. Convém viajar ?

— *Convém. Viajar é uma maneira de viver mais numerosamente.*

14. Por que nunca mais voltou à Europa ?

— *Durante muitos anos porque não pude, por falta de meios materiais para fazê-lo. Depois, por outras coisas: preguiça de sair de meus cômodos; a experiência de que a imaginação supera sempre a realidade; e um certo desinteresse trazido pelo envelhecer.*

15. Como é que recebe a opinião de que M. B. é o maior poeta brasileiro ?

— *Escandalizadamente, com grande mal-estar.*

16. Como o poeta não pode, no Brasil, viver da poesia, que atividade profissional lhe convém mais ?

— *Uma bem diferente da poesia. A propósito, acho que o jornalismo não prejudica o poeta. A prática do jornalismo leva o poeta inteligente (porque há também os burros) a distinguir melhor na linguagem o que é lugar-comum sem possibilidade de ressonância poética, o que é puro automatismo verbal, etc.*

17. Ainda se considera um poeta preso ao Modernismo ?

— *Nunca me considerei preso ao Modernismo. Me considero contemporâneo seu e de Luís Vaz de Camões.*

18. Qual a situação atual da Poesia ? A nossa época é favorável aos poetas ?

— *Acho que sim. O que falta é um poeta capaz de fixar a profundidade e a complexidade do mundo atual. Estamos precisando urgentemente de um Dante.*

19. Se lhe fôsse dado escolher uma época para viver, que época escolheria ?

— *O ano 3.000.*

20. Qual a pessoa que maior influência exerceu sobre seu destino de poeta ?

— *Meu pai.*

M. B.
responde
a 20
indagações

1. O escritor deve casar ?

— *Pode casar. Mas acho que terá mais liberdade de criação permanecendo solteiro. Mas, solteiro cem por cento.*

2. Um poeta, por fatalidade vocacional, pode deixar de fazer poesia ?

— *Parece que não. Mas o caso de Rimbaud é desnorante. Como é também o caso do nosso Luís Aranha (o diplomata), que escreveu aos 16 anos poemas que revelam nítida vocação para a poesia e que depois silenciou definitivamente e nem gosta de tocar no assunto.*

3. Quais os seus melhores amigos ?

— *Rodrigo M. F. de Andrade e Carlos Drummond de Andrade. Tenho muitos ou-*